

CONSTITUIÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO NA AFASIA: PROCESSOS VERBAIS E NÃO-VERBAIS

Nirvana Ferraz Santos Sampaio*
(UESB)

RESUMO

Neste estudo, investigamos, enfocando as sessões semanais do grupo II do Centro de Convivência de afásicos, os processos verbais e não-verbais de significação na afasia a partir de um estudo de caso.

PALAVRAS-CHAVE: Afasia. Linguagem verbal. Linguagem não-verbal. Processos de significação.

INTRODUÇÃO

A Neurolingüística, área que se constitui na fronteira entre as neurociências e a lingüística, é um dos ramos mais recentes da lingüística e por isso tanto as definições quanto as descrições dessa área estão dispersas nas literaturas produzidas nessas ciências, o que mostra que as fronteiras que delimitam seu objeto não são algo sólido.

Os estudos neurolingüísticos levam em conta os processos de avaliação e diagnósticos das patologias de linguagem (como, por exemplo, a afasia que é uma perturbação da linguagem em que ocorrem alterações de mecanismo lingüístico em todos os níveis, tanto em seu aspecto produtivo, quanto interpretativo, em decorrência de lesão adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVC), traumatismo crânio-encefálico ou tumores), os processos alternativos de significação (verbal e não-verbal) que se valem os sujeitos afetados por patologias cerebrais, cognitivas ou sensoriais, dentre outras perspectivas de pesquisa em Neurolingüística.

* Doutora em Lingüística pela UNICAMP. Professora do DELL/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolingüística (Gpen/CNPq/Uesb) e membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Lingüísticos (Gpel/CNPq/Uesb).

Neste trabalho, a partir do caso **DN**, que se apresenta afásica após um AVC Isquêmico, refletimos, a partir da Neurolingüística, sobre os processos de significação verbal e não-verbal e o controle do sentido que esse sujeito lança mão para interagir, comunicar e significar, nas sessões do grupo II do Centro de Convivência de Afásicos.

MATERIAL E MÉTODOS

O material empírico da pesquisa foi construído a partir das sessões gravadas em VHS do grupo II, entre 2002 e 2004, em um acompanhamento longitudinal, observamos a inserção e as situações comunicativas em que **DN** estava presente. **DN** é uma senhora que em 03/2001, aos 51 anos, casada, não alfabetizada, do lar, protestante, sofreu um AVC isquêmico na artéria cerebral média (ACM) esquerda, ficando sem falar e andar, recuperando, a hemiparesia de membro inferior direito e persistindo a hemiparesia, a seqüela mais importante é a que está relacionada à expressividade verbal. Segundo o relato do marido, em casa, **DN** fala apenas o nome de uma filha – “Quel”– e a palavra “não”.

Neste trabalho, selecionamos as sessões de 09/09/2002, 11/11/2002, 25/11/2002, 23/06/2003, 30/06/2003, 16/03/2004, 27/04/2004. Para a apreciação desse material empírico, valemo-nos do trabalho de transcrição das fitas, a partir do roteiro utilizado pelo Banco de Dados em Neurolingüística do Laboratório de Neurolingüística do Instituto da Linguagem da UNICAMP, a partir de um quadro contendo: sigla do interlocutor, transcrição, observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais, observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais, o que foi importante para as possíveis leituras de indícios que se constituíram em dados para a análise do caso. Olhando para os dados, levamos em consideração o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), modelo

epistemológico pautado no singular, no episódico, no detalhe, que guarda relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identifica-se em **DN** uma falta de iniciativa verbal que não necessariamente está relacionada à afasia, dado que sua religião impede que ela se insira em várias práticas sociais. Baseando na classificação de Luria, pensamos a afasia de **DN** como da ordem da desintegração da organização em série de melodias cinéticas envolvidas nos gestos articulatórios, associada à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda, ou seja, a afasia motora eferente descrita por Luria.

Em 09/09/2002, **DN** foi apresentada ao grupo. Ela, apesar das limitações que impossibilitam uma expressão *fluente*, a partir dos gestos, consegue interagir na interlocução. **DN** negocia o sentido e sustenta a interlocução utilizando a percepção e os gestos. **DN** balança a cabeça (afirmando ou negando), estala os dedos, alisa a cabeça demonstrando aflição. Na vivência de situações de uso sociocultural da linguagem, ela sabe que as regras culturais estabelecem que a resposta à pergunta deva vir à tona, uma que vez essas regras de convivência organizam socialmente o comportamento dos presentes na situação. Apesar do comprometimento do verbal, às vezes, hesitando ela consegue falar “*Não*”, “*Ele tá lá oh*”, “*Eh:: não lá*”, “*Há nã-o:: eh eh*”. A hesitação não é vista como uma simples disfunção da fala, mas tem o papel de organizar o dizer e pode indicar um processamento em curso. Os gestos, por sua vez, propiciam estados de conversas, no lugar do ou acompanhando o verbal, o que mantém as situações comunicativas em funcionamento. Considerando a afasia de **DN**, as perguntas são

elaboradas, no evento comunicativo diálogo, sempre direcionando para uma resposta categórica *sim*, ou *não*. Os investigadores ajudam-na e o *Não* ou *Sim* não ficam só como uma sentença isolada, em meio a uma escolha binária (*sim/não*), mas alcançam um sentido relevante por ocorrer dentro de um ambiente que foi construído pelo trabalho prévio dos interlocutores. Verificamos que onde há pausas, há também a atuação de modo integrado de gestos, hesitações ou mesmo a verbalização de “sim” e “não”, ultrapassando a condição inicial descrita pela família: “*Ele tá lá oh*”, “*Eh não lá*”.

Assim, o verbal, o não verbal, a pausa, as hesitações estão presentes nas situações comunicativas enquanto processo de significação o que mostra que *há linguagem e sujeito na afasia* (COUDRY, 2000). Dramatizando cenas possíveis na vida cotidiana, como a cena em que **DN** vende coxinha na praia, verifica-se que, inicialmente, ela *repete* o que a investigadora propõe: “coxinha fresquinha”, mas, em seguida, atua como vendedora de coxinha, andando pela sala oferecendo “coxinha fresquinha” aos demais participantes da situação, estabelecendo a significação de seus enunciados através do trânsito entre a linguagem verbal e o gesto.

CONCLUSÕES

A relação entre linguagem verbal e não-verbal em **DN** não foi afetada e, apesar do comprometimento da linguagem verbal, podemos verificar os processos de significação verbal e não-verbal e a sua circulação na afasia por meio do estudo desse caso. Assim, os sinais com a cabeça (afirmando e negando), os gestos de apontar com o dedo, sinais não-verbais, ajudam a conduzir a comunicação sem a fala, estabelecendo um papel importante porque se inserem no lugar da linguagem verbal e mantém a interação. A confluência entre os sistemas verbais e não-verbais é possibilitada pelas práticas significativas - interativas - que os participantes do grupo II do CCA produzem juntos,

“justamente onde pode se dar um mar de palavras, uma pá de imagens, uma cesta de gestos, uma nuvem de cheiros, uma lua de canções, etc.” (COUDRY, 2002b), isso é o que o acompanhamento longitudinal de **DN** revela sobre os processos de significação verbal e não-verbal na afasia.

REFERÊNCIAS

- COUDRY, M.I.H. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolingüística In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129. 2002.
- GINZBURG. C. Sinais; raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala** [Tese de doutorado em Lingüística] 193 p. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.